

Ouçam as formigas



Quem vai subir o morro hoje: A polícia? O exército? Ou serão as senhoras da Igreja Batista Memorial do Jardim Primavera, em Caxias, RJ? “Hoje nós vamos. Tem dois meses que a gente não consegue entrar lá porque teve um tiroteio, várias crianças morreram, e quando isso acontece as mães ligam pra gente e pedem para não irmos. Mas eu estou hiperpreocupada, morrendo de saudades. Já pegamos doença de pele, já tivemos piolho, as mães lá têm vários tipos de problema; são oito filhos, cada um de um pai, e a criança envolvida com o crime, mas a gente tem aquilo no coração: se nós que cremos que Cristo pode fazer milagres não fizermos alguma coisa, quem vai fazer? Cada criança que a gente ganha, é menos uma [para se perder], é menos uma...” conta Márcia, educadora e líder do trabalho social de sua igreja. Os milhares de agentes sociais cristãos espalhados pelo Brasil são como formiguinhas, trabalhando no anonimato, solidários, vencendo um obstáculo após o outro, sempre dizendo para si mesmos: “É menos um...”. O que será que a formiga fala para sua companheira quando as duas se encontram no caminho em meio a um gigantesco projeto? Buscamos a resposta na fala de dez agentes sociais cristãos por meio de animadas e longas conversas ao telefone.

O porquê de toda essa dedicação

Shirley, assistente social, conta que sua dedicação é fruto da sua caminhada no movimento jovem da Igreja Católica. Começou como voluntária e foi percebendo a importância do trabalho, se preparando, não parou mais. O que a mantém é a alegria de poder ajudar as pessoas. Para Anderson, pai social, ver o trabalho que foi feito na vida dos meninos recuperados faz com que ele se sinta recompensado: “Você vê o propósito de Deus se cumprindo.” Reinaldo, facilitador comunitário, afirma: “O que me levou a me envolver com esse tipo de trabalho foi o meu encontro com Deus, minha experiência religiosa e o meu conhecimento da Bíblia. Visto que Deus tem amor especial pelos pobres e fracos, resolvi trabalhar com as comunidades mais pobres e percebi também que além da Palavra de Deus, essas pessoas precisavam de outros tipos de ação, de transformação integral da alma e do corpo.” Djanete, arte-educadora, declara, “O Senhor me dá as condições necessárias para realizar esse trabalho que ele mesmo confiou a mim, e através do trabalho eu posso participar da sua missão que é a evangelização.” Euci, também arte-educadora, diz que depois que você se envolve, não dá mais para abandonar a causa: “Não tem como você não abraçar. Foi o que Jesus fez. Não tem como ter compaixão à distância.”

Já pensou em desistir?

“Não, às vezes eu penso em mudar de estratégia, quero me aprimorar. Quero conhecer mais para poder ajudar mais. Mas desistir, não,” diz Márcia. “Não, porque sempre confiei no Senhor e acredito no seu chamado para mim,” declara Anderson. Reinaldo diz que nunca pensou em desistir: “Temos o exemplo de Cristo que nunca desistiu. Ele não desiste de nenhum de nós.” Nunca também é a resposta de Djanete que acrescenta: “O que eu acho muito legal no trabalho social, é que ele é de fato uma evangelização. É ajudar as pessoas a conquistar um direito que Jesus já conquistou para elas. A Palavra do Senhor precede em muito o Estatuto da Criança.” Maria Helena, coordenadora de creche, acha a sua força em Deus: “Tenho visto, durante todos esses 22 anos de trabalho a fidelidade de Deus, seu cuidado e provisão sempre presentes. Quem vê que o trabalho que faz é para Deus, não pensa em desistir.” Para Euci, é difícil perceber suas



limitações pessoais, saber que não pode fazer tudo. “Eu gostaria de ser mais de uma. A gente se vê tão impotente diante de tantas circunstâncias difíceis.”

A relação com a igreja

“A igreja se apaixonou pelo projeto. Quando a gente ora, não ora pelos filhos dos outros, eles são nossos filhos, nossas mães, tudo é nosso,” diz Márcia. Anderson diz que há em sua igreja um grupo de intercessão que ora constantemente pelo seu trabalho e que o pastor conversa com ele com frequência animando-o e exortando-o: “Eu sei que você está dando frutos lá porque você dava frutos aqui. Eu sei que você está fazendo o que Deus quer”. Leandra, mãe social, conta que ela e o marido são reconhecidos como missionários pela igreja. A congregação ora e apóia o trabalho que fazem. De todos os entrevistados, apenas uma pessoa disse que não se sentia apoiada por sua igreja!

A qualidade mais importante num agente social cristão

“Acreditar no que está fazendo, acreditar todo o tempo, acreditar que a mudança é possível, e amar”, disse Márcia. “Respeitar, aprender a ouvir a criança, a falar na hora certa, a respeitar a criança como criança”, comenta Iraci, educadora de creche. “Comprometimento, fortaleza em Deus, porque as dificuldades são imensas, e saber vestir a camisa,” declara Reinaldo. Para Djanete não pode faltar amor e respeito a um agente social cristão, e acrescenta: “Quem tem o amor mas não tem conhecimento, pode buscar informações.” Euci concorda com Djanete: “O profissional deve ter dedicação. Não precisa já saber, precisa querer aprender.”

A relação com a criança

Cida Rafael, educadora de rua e coordenadora de casas lares diz: “Amo estar com as crianças.” Conta que outro dia recebeu um telefonema de um rapaz que aos 22 anos está fazendo direito e trabalha como educador em um projeto social e foi criança assistida por ela como mãe social no passado. “Oi mãe, quando eu falo com você meu coração se enche de júbilo,” disse o rapaz, fazendo o coração de Cida transbordar de alegria. Iraci conta o que as crianças pensam dela: “Tia, você é uma palhaça”. “Eu brinco muito com eles. Na hora de falar sério, é sério, mas brinco muito também.” Anderson, pai social, diz que sua relação tem doses altas de amizade e respeito “O menino só vai começar a lhe atender quando ele perceber que você o valoriza.” Reinaldo diz que as crianças o veem com carinho e respeito: “Elas sabem que estou aqui para ajudá-las, seja em suas dificuldades materiais ou religiosas.” Maria Helena confessa que sua relação com as crianças não é de mão-única: “Recebo de volta o que dou: amor, carinho e atenção”. Euci explica sua relação com as crianças assim: “Sou tia mesmo. Eu tenho de impor limites.

Trabalhando com crianças portadoras do HIV é ainda mais importante. Tenho cuidado especial com o uso de material, manuseio de tesouras, estilete, etc. Mas eu uso muito o lúdico. Eles me acham meio maluca.” Leandra, mãe social, conta sua luta em oração por um menino: “Ele queria muito ser adotado. Ele chorava, mas nunca conseguia. Nós o incentivamos a orar e o ajudamos a orar. Em menos de um ano ele foi adotado. Sinto que era da vontade de Deus que eu estivesse aqui para plantar fé no coração dele.”

Prestar atenção na fala dos agentes sociais cristãos é muito importante porque ela revela outra forma de pensar e agir, uma forma que, como já dizia o apóstolo Paulo, é loucura para os sábios desse mundo. Todo agente social cristão sabe que é em sua fraqueza que a misericórdia e a graça de Deus se manifestam em toda a sua beleza. Se as formigas pudessem falar, talvez dissessem que a tarefa é enorme, que os trabalhadores são poucos e que não há lugar para espectadores no formigueiro. Nós, agentes sociais cristãos, pensamos da mesma forma.

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 15.